

BETH KERY

**Porque você
é minha**

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

CAROLINA CAIRES COELHO

**B I
B I
B I
B I**

Copyright © 2012 by Beth Kery

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio.

Esta edição foi publicada em acordo com The Berkley Publishing Group, membro do Penguin Group (USA) Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Because You Are Mine

IMAGEM DE CAPA Joshua Rindner

PREPARAÇÃO Rita Mattar e Lilia Zambon

REVISÃO Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kery, Beth

Porque você é minha / Beth Kery ; tradução Alexandre Boide, Carolina Caires Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: Because You Are Mine.

ISBN 978-85-65530-26-2

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana. I. Título.

13-01492

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

PARTE 1

PORQUE VOCÊ ME TENTA

Francesca olhou ao redor quando Ian Noble entrou no recinto, em grande medida porque todos os presentes no luxuoso bar e restaurante fizeram o mesmo. Seu coração disparou. Em meio aos demais convidados, ela viu quando um homem alto, vestido com um terno impecável, feito sob medida, tirou o casaco e revelou os contornos longilíneos de seu corpo. Ela reconheceu Ian Noble de imediato. Seu olhar se voltou para o elegante casaco preto que ele manteve pendurado no braço. Um pensamento passou por sua cabeça: o casaco tudo bem, mas o terno não tinha nada a ver. Aquele homem combinaria melhor com um par de jeans, certo? Mas sua observação era absurda. Para começar, ele estava lindo naquele terno, e para completar, segundo uma matéria que ela havia lido na revista *GQ*, aquele indivíduo por si só representava uma boa parte do volume de negócios das alfaiatarias da Savile Row, em Londres. Aliás, o que mais um descendente da aristocracia britânica poderia vestir? Um dos sujeitos que haviam entrado com Noble estendeu a mão para pegar seu casaco, mas ele fez um gesto negativo com a cabeça.

Aparentemente, o enigmático sr. Noble estava planejando uma aparição das mais breves no coquetel que ele mesmo organizou em homenagem a Francesca.

“Lá está o sr. Noble. Ele vai adorar conhecer você. É um grande fã do seu trabalho”, comentou Lin Soong. Francesca notou um toque de

orgulho na voz daquela mulher, como se Ian Noble fosse seu amante, não seu patrão.

“Ao que parece ele tem coisas mais importantes para fazer do que me conhecer”, rebateu Francesca, abrindo um sorriso. Ela deu um gole em sua água com gás e observou enquanto Noble conversava secamente ao telefone, com dois homens postados a seu lado e o casaco ainda pendurado no braço, como se estivesse pronto para bater em retirada. Uma sutil contorção nos lábios evidenciou que ele estava irritado. Por algum motivo, aquela demonstração de sentimentos a fez relaxar um pouquinho. Ela não disse nada para seus amigos — a atitude descontráida e irreverente era uma de suas marcas registradas —, mas estava estranhamente ansiosa em relação a seu encontro com Ian Noble.

Os demais presentes retomaram suas conversas, mas o nível de energia pulsando no recinto pareceu ter subido com a chegada de Noble. Era curioso o fato de que aquele homem culto e sofisticado tenha se tornado um ícone para uma geração de aficionados por tecnologia que jamais haviam vestido outra coisa que não fosse uma camiseta. Ele parecia ter uns trinta e poucos anos. Francesca tinha lido que Noble ganhou seu primeiro bilhão com uma então inovadora empresa de mídias sociais que, ao ingressar no mercado de ações, arrecadou mais de treze bilhões, que alavancaram o enorme sucesso de sua operação de comércio varejista na internet.

Tudo que ele tocava virava ouro, ao que parecia. Por quê? Porque ele era Ian Noble. Era capaz de fazer o que quisesse. Francesca abriu um sorrisinho satisfeito ao pensar nisso. Era algo que ajudava na construção de sua imagem como um sujeito arrogante e detestável. Ele estava investindo no trabalho dela, era verdade, mas, assim como diversos outros artistas ao longo da história, Francesca tinha uma saudável desconfiança em relação a seu mecenas. Infelizmente, porém, todos os artistas miseráveis precisavam de um Ian Noble.

“Vou até lá dizer que você já está aqui. Como eu disse antes, ele ficou impressionado com as suas pinturas. Escolheu você sem pensar duas vezes entre os três finalistas”, contou Lin, referindo-se ao prêmio que Francesca havia vencido. O ganhador seria o responsável por confeccionar a peça central do lobby do novo arranha-céu de No-

ble em Chicago, onde eles estavam naquele momento. O coquetel em homenagem a Francesca estava sendo realizado em um restaurante chamado Fusion, moderno e caríssimo, localizado dentro do edifício. O mais importante para Francesca era que ela ganharia cem mil dólares, algo muito bem-vindo para uma mestrandia em belas-artes sem muitos recursos.

Lin fez surgir em um passe de mágica alguém para conversar com Francesca em sua ausência, uma jovem negra chamada Zoe Charon.

“É um prazer conhecer você”, cumprimentou Zoe, abrindo um sorriso que era o sonho de qualquer dentista enquanto apertava a mão de Francesca. “E parabéns pelo prêmio. Imagina só: eu vou olhar para a sua pintura todos os dias ao entrar no trabalho.”

Francesca sentiu uma sensação de vergonha cada vez mais familiar ao comparar suas roupas às de Zoe. Lin, Zoe e todos os demais presentes no evento usavam peças sofisticadíssimas de alta-costura. Como ela poderia imaginar que suas roupas de inspiração hippie não seriam adequadas para uma festa de Ian Noble? Como poderia saber que o estilo *boho chic* na verdade era chique só no nome?

Ela foi informada de que Zoe era assistente de gerência na Noble Enterprises, em uma subsidiária chamada Imagetronics. *Que diabo seria aquilo?*, Francesca perguntava a si mesma enquanto fingia demonstrar interesse, voltando os olhos para a entrada do restaurante de quando em quando.

A fisionomia de Noble se atenuou um pouco quando Lin foi até ele. Poucos segundos depois, uma expressão de tédio e desprendimento se instalou em seu rosto. Ele assentiu com a cabeça e olhou no relógio. Claramente, Noble estava tão disposto a encarar o ritual de ser apresentado a um dos muitos beneficiados de suas ações filantrópicas quanto Francesca estava a fim de conhecê-lo. Para ela, aquele coquetel em sua homenagem era um dos efeitos colaterais desagradáveis por ter sido a vencedora do prêmio.

Ela se virou para Zoe e abriu um sorriso escancarado, determinada a relaxar e se divertir um pouco depois de confirmar que sua ansiedade em relação ao encontro com Noble tinha sido pura perda de tempo.

“Então, qual é a desse Ian Noble?”

Parecendo meio desconcertada diante de um questionamento tão direto, Zoe olhou para o bar, onde estava seu patrão.

“Qual é a dele? Em poucas palavras, é um deus.”

Francesca soltou um riso de deboche. “Ah, mas isso é só afirmar o óbvio, né?”

Zoe caiu na risada, assim como Francesca. Por um momento, elas se tornaram apenas duas meninas dando risadinhas ao comentar sobre o cara mais bonito da festa. Que era Ian Noble, isso Francesca era capaz de admitir. E não só da festa. Ele era o homem mais hipnotizante que ela havia visto na vida.

Francesca parou de rir ao notar a expressão no rosto de Zoe. Ela se virou. Noble estava olhando para ela. Uma sensação de calor se espalhou por seu corpo. Não teve tempo nem de respirar fundo ao perceber que ele vinha a passos largos em sua direção, deixando Lin estupefata atrás de si.

Francesca sentiu uma ridícula vontade de sair correndo.

“Ah... ele está vindo para cá... Lin deve ter contado que você está aqui”, disse Zoe, parecendo tão surpresa e desarmada quanto Francesca. Zoe, no entanto, parecia ser mais experimentada na arte da etiqueta que Francesca. Quando Noble chegou até elas, todos os vestígios da menina risonha haviam desaparecido, dando lugar a uma mulher elegante e contida.

“Boa noite, sr. Noble.”

Os olhos dele eram azuis e penetrantes. E cruzaram com os de Francesca por uma fração de segundo. Ela teve que se esforçar para conseguir respirar enquanto isso.

“Zoe, certo?”, ele perguntou.

Ela não conseguiu esconder sua satisfação com o fato de Noble saber seu nome. “Sim, senhor. Trabalho na Imagetronics. Gostaria de apresentá-lo a Francesca Arno, a vencedora do Prêmio Visões do Futuro.”

Ele pegou a mão de Francesca. “Prazer em conhecê-la.”

Francesca se limitou a acenar com a cabeça. Ela não conseguia falar. Seu cérebro estava temporariamente sobrecarregado pela imagem dele, o calor de sua mão, o som de sua voz grave, seu sotaque britâni-

co. A pele branca marcava o contraste com os cabelos escuros e bem cortados e o terno cinza. *Um anjo moreno*. Foram essas as palavras que passaram por sua mente, sem a menor censura.

“Não consigo nem dizer o quanto fiquei impressionado com seu trabalho”, ele falou. Não estava sorrindo, e seu tom não era nada condescendente, mas havia certa curiosidade em seu olhar.

Ela engoliu em seco. “Obrigada.” Ele soltou a mão dela aos poucos, sentindo sua pele entre os dedos. Seguiu-se então um terrível momento de silêncio, durante o qual ele se limitou a encará-la. Ela se ajeitou e endireitou as costas.

“Fico feliz por ter a oportunidade de agradecer pessoalmente pelo prêmio. Isso significa muito para mim.” Ela fez seu discurso pré-ensaiado de uma forma meio apressada.

Ele encolheu os ombros de leve e fez um sinal com as mãos como quem dizia que não era para tanto. “Você mereceu.” Ele a olhou bem nos olhos. “E vai fazer jus ao prêmio.”

Sua pulsação disparou, fazendo uma artéria saltar em sua garganta. Francesca ficou torcendo para que ele não reparasse nisso.

“Sim, mas só porque tive a oportunidade. É por isso que estou agradecendo. Eu provavelmente não teria como concluir o segundo ano do mestrado se não tivesse ganhado esse dinheiro.”

Ele hesitou por um instante. Com o canto do olho, Francesca percebeu que Zoe havia ficado tensa. Envergonhada, Francesca olhou para o outro lado. Teria ela exagerado na dose?

“Minha avó sempre diz que eu não sei como me portar diante da gratidão”, ele comentou, num tom de voz mais sereno... mais afetuoso. “Você tem todo o direito de me dizer o que pensa. E fico feliz por ter proporcionado essa oportunidade, srta. Arno”, ele concluiu, assentindo com a cabeça. “Zoe, você poderia passar um recado para a Lin? Eu decidi cancelar o jantar com o Xander LaGrange no fim das contas. Por favor, peça para ela remarcar.”

“Claro, sr. Noble”, Zoe respondeu antes de se afastar.

“Você quer se sentar?”, ele perguntou, apontando com o queixo para um sofá de couro, em frente a uma mesa vazia.

“Claro.”

Ele se posicionou atrás de Francesca enquanto ela se instalava no sofá. Isso a desagradou, pois estava se sentindo estabana e desconfortável. Depois que ela se sentou, ele se posicionou a seu lado com um único movimento, esbanjando confiança e elegância. Francesca alisou o tecido um tanto transparente do vestido vintage com miçangas bordadas que ela havia comprado em um brechó em Wicker Park. Aquela noite de setembro estava mais fria do que ela imaginava quando escolheu a roupa com que iria ao evento. A jaqueta jeans que completava seu visual era sua única opção para combinar com as listras finas da estampa do vestido. Sentiu-se ridícula ao se ver sentada ao lado daquele homem tão impecavelmente bem-vestido, perfeitamente masculino.

Francesca começou a mexer inquietamente no colar, e sentiu que ele a encarava. Seus olhos encontraram os dele. Ela levantou o queixo em sinal de desafio. Um pequeno sorriso se insinuou nos lábios dele, e algo se contraiu no ventre dela.

“Então você está no segundo ano do mestrado?”

“Pois é. No Instituto de Arte de Chicago.”

“Um ótimo curso”, ele murmurou. Noble apoiou as mãos na mesa e se recostou no assento, parecendo absolutamente à vontade. Seu corpo longilíneo parecia relaxado, porém alerta, fazendo com que Francesca o associasse a um grande predador cujo repouso poderia se transformar em ataque brutal em uma fração de segundo. Seus quadris eram estreitos, mas os ombros eram largos, sugerindo a presença de músculos muito bem definidos por baixo da camisa branca bem passada. “Se eu bem me lembro da sua ficha, você é formada em artes plásticas e arquitetura pela Northwestern, não?”

“Sim”, respondeu Francesca, quase sem fôlego, desviando o olhar das mãos dele. Eram mãos elegantes, mas também enormes, com dedos grossos e aparentemente habilidosos. Por alguma razão, sua visão a deixou perturbada. Ela não conseguia parar de pensar em como seria o toque daquelas mãos contra sua pele... ao redor de sua cintura...

“Por quê?”

Seus pensamentos inapropriados foram interrompidos, e ela notou que ele a encarava fixamente. “Por que eu me formei em artes plásticas e arquitetura?”

Ele confirmou com a cabeça.

“Arquitetura por causa dos meus pais, e artes por gosto pessoal”, ela respondeu, surpresa com a própria sinceridade. Ela costumava demonstrar uma boa dose de distanciamento e desdém ao se confrontar com aquela pergunta. Por que seria obrigada a escolher apenas um de seus dois talentos? “Meus pais são arquitetos, e o sonho da vida deles era que eu também fosse.”

“E você fez com que ele se realizasse, pelo menos em parte. É formada em arquitetura, mas não pretende seguir carreira.”

“Mas nem por isso deixo de ser arquiteta.”

“Fico feliz de ouvir isso”, ele falou antes de olhar para um homem muito bonito, com olhos claros e cinzentos contrastando com a pele escura e os *dreadlocks*. Noble apertou sua mão. “Lucien, como vão as coisas?”

“De vento em popa”, ele respondeu antes de lançar um olhar de curiosidade na direção de Francesca.

“Srta. Arno, este é Lucien Lenault. Ele é o gerente do Fusion, e um dos *restaurateurs* mais famosos da Europa. Eu o escolhi a dedo no melhor restaurante de Paris.”

Lucien sorriu e revirou os olhos, fingindo aborrecimento com a apresentação de Ian. “Espero que o mesmo possa ser dito sobre o Fusion muito em breve. É um prazer conhecê-la, srta. Arno”, ele acrescentou com seu delicioso sotaque francês. “O que vão querer?”

Noble olhou para ela, à espera de uma resposta. Seus lábios eram estranhamente carnudos para um homem com feições tão masculinas, o que para ela lhe conferia um aspecto sensual, ainda que severo.

Rústico.

De onde haviam surgido aqueles pensamentos?

“Eu não vou querer nada”, respondeu Francesca, tentando disfarçar o fato de que seu coração começou a bater freneticamente.

“O que tem aí?”, ele perguntou, apontando para seu copo semi-vazio.

“O que eu costumo beber sempre, água com gás com gelo e limão.”

“Isto é uma celebração, srta. Arno.” Seria por causa do sotaque

que ela se sentia toda arrepiada quando ele dizia seu nome? Era uma maneira bem peculiar de falar. Um acento britânico, sem dúvida, mas havia alguma outra influência se insinuando em sua fala de quando em quando, algo que ela não era capaz de identificar. “Traga uma garrafa de Roederer Brut”, Noble disse a Lucien, que sorriu, fez uma leve mesura e se afastou.

Ela ficou ainda mais confusa. Por que ele fazia tanta questão de falar com ela? Não devia ser algo corriqueiro para ele beber champanhe com os beneficiários de suas ações filantrópicas. “Como eu ia dizendo quando Lucien apareceu, fico feliz de saber que você é uma arquiteta formada. O seu conhecimento nesse ramo sem dúvida é o que determina a precisão, a profundidade e o estilo de suas obras de arte. A pintura que você inscreveu no concurso é espetacular. Consegui capturar perfeitamente o espírito do que eu queria para o lobby do prédio.”

Ela percorreu seu terno impecável com os olhos. Por algum motivo, o apreço dele por linhas retas não era nada surpreendente. Sua arte muitas vezes se inspirava no amor que ela sentia por formas e estruturas, mas precisão definitivamente não era seu forte. Longe disso. “Que bom que eu agradei você”, ela falou em um tom de voz que esperava ser o mais neutro possível.

Ele esboçou um sorriso. “Tem alguma coisa por trás dessa afirmação. Você não ficou feliz por ter me agradado?”

Ela ficou de queixo caído. Teve que segurar as palavras que se acumularam na garganta. *Eu não faço arte para agradar ninguém além de mim mesma.* Conseguiu se conter no último segundo. No que ela estava pensando? Aquele homem era o responsável por uma grande transformação em sua vida.

“Como eu disse antes, não poderia estar mais contente por ter ganhado o prêmio. Estou felicíssima.”

“Ah”, ele murmurou quando Lucien apareceu trazendo o champanhe e um balde de gelo. Noble não se deu ao trabalho de olhar para Lucien enquanto o outro abria a garrafa. Continuou observando Francesca com um interesse quase científico. “Mas ficar feliz por ter ganhado o prêmio não é o mesmo que ficar feliz por ter me agradado.”

“Não foi isso que eu quis dizer”, ela esclareceu, observando Lucien, que removia a rolha da garrafa com um estouro. Seu olhar perplexo se voltou para Noble. O rosto dele permanecia impassível, a não ser pelos olhos faiscantes. Que diabo ele estava falando? E por que motivo, além do fato de ela não ser obrigada a aturar aquele tipo de questionamento, sua pergunta a tinha deixado tão perturbada? “Fiquei feliz por você ter gostado da pintura. De verdade.”

Noble não respondeu, apenas olhou distraidamente enquanto Lucien despejava o líquido espumante nas taças. Antes que Lucien se afastasse, acenou com a cabeça e balbuciou um agradecimento. Francesca pegou sua taça ao ver que ele fazia o mesmo.

“Meus parabéns.”

Ela forçou um sorriso quando as taças se tocaram de leve. Nunca tinha provado nada como aquilo — o champanhe era seco, gelado e produzia uma sensação deliciosa ao deslizar pela língua e descer pela garganta. Ela olhou de soslaio para Noble. Como ele conseguia ignorar a tensão suspensa no ar que parecia sufocá-la?

“Acho que, como você é da realeza, uma simples garçonete não é boa o bastante para servi-lo”, ela comentou, torcendo para que sua voz não saísse toda trêmula.

“Como é?”

“Ah, eu só quis dizer que...” Ela xingou a si mesma em pensamento. “Eu sou garçonete... para ajudar a pagar as contas enquanto termino o mestrado”, acrescentou, quase em pânico diante da aparência tranquila e um tanto intimidadora dele. Ergueu a taça e deu um grande gole na bebida gelada. Se Davie soubesse que ela havia virado quase de uma vez uma taça de champanhe caríssimo... Seu melhor amigo ficaria histérico, e até os outros colegas com quem dividia a casa — Caden e Justin — cairiam na gargalhada diante de sua mais recente demonstração de falta de traquejo social.

Se pelo menos Noble não fosse tão lindo... Perturbadoramente lindo.

“Sinto muito”, ela murmurou. “Não sei por que disse isso. É que... eu li que os seus avós pertenciam à família real britânica... um conde ou uma condessa, sei lá.”

“E você imaginou que eu não aceitaria que uma simples garçonete me servisse, é isso?”, ele perguntou. Ela notou que ele estava achando graça naquilo, e que se tornava ainda mais atraente quando se divertia. Francesca soltou um suspiro e começou a relaxar um pouco. Ele não tinha se sentido *absurdamente* ofendido.

“Fiz a maior parte dos meus estudos aqui”, ele contou. “Me considero um americano, na verdade. E, posso garantir para você, Lucien veio aqui nos atender porque quis. Nós somos sócios, além de amigos. Esse costume da aristocracia inglesa de preferir os serviços de um mordomo em vez dos de uma copeira hoje só existe nos livros de história, srta. Arno. E, mesmo que ainda existisse, duvido que um filho bastardo estivesse em condições de adotá-lo. Sinto muito se eu tiver desapontado você.”

As bochechas dela estavam em chamas. Por que não conseguia manter a boca fechada? E o que ele estava dizendo, que era um filho ilegítimo? Nada do que ela havia lido apontava para isso.

“Onde você trabalha?”, ele perguntou, parecendo ignorar a vermelhidão no rosto dela.

“No High Jinks, em Bucktown.”

“Nunca ouvi falar.”

“Isso não é exatamente uma surpresa”, ela disse baixinho antes de dar mais um gole de champanhe. Ficou impressionada ao ouvir sua risada grave e áspera. Arregalou os olhos ao mirar o rosto dele. Ele parecia tão *satisfeito*. Sentiu seu coração disparar. Ian Noble era uma visão formidável em qualquer momento, mas quando sorria se transformava em uma séria ameaça à compostura feminina.

“Você se importaria em me acompanhar.. em uma caminhada? Tem uma coisa importantíssima que eu quero que você veja”, ele falou.

Ela interrompeu o movimento de levar a taça aos lábios. O que estava acontecendo ali?

“Tem a ver com o prêmio”, ele explicou, assumindo um tom mais pessoal. Autoritário. “Quero mostrar para você o que imaginei para a pintura.”

Além do choque, o que ela sentiu foi raiva. Seu queixo se ergueu. “Eu vou ter que pintar o que você quiser?”

“Sim”, ele respondeu sem pensar duas vezes.

Ela largou a taça na mesa, produzindo um ruído alto e derramando todo o conteúdo. Ele parecia absolutamente impassível. Era de fato o arrogante que ela imaginava. Conforme o esperado, ganhar aquele prêmio estava se revelando um pesadelo. Apenas as narinas dele se mexiam enquanto a encarava sem piscar — e ela fazia o mesmo.

“Sugiro que você veja sobre o que estou falando antes de se ofender desnecessariamente, srta. Arno.”

“Francesca.”

Alguma coisa faiscou em seus olhos azuis, como um relâmpago. Por uma fração de segundo, ela se arrependeu da intensidade com que havia dito aquilo. Mas então ele acenou com a cabeça.

“Francesca, claro”, ele assentiu com gentileza. “Desde que você me chame de Ian.”

Ela fez de tudo para ignorar o frio na barriga. *Não caia nessa*, alertou a si mesma. Ele era exatamente o tipo de mecenas que gostava de controlar tudo, e de reprimir seus instintos criativos durante o processo. Era ainda pior do que ela temia.

Sem dizer uma palavra, Francesca levantou do sofá e se dirigiu à porta de entrada do restaurante, sentindo com cada célula de seu corpo que ele vinha atrás.

Ele mal abriu a boca quando saíram do Fusion. Limitou-se a conduzi-la por uma rua que margeava o rio Chicago e a Wacker Drive.

“Aonde estamos indo?”, ela quebrou o silêncio depois de um ou dois minutos.

“Para a minha residência.”

Os sapatos de salto alto dela pisaram em falso na calçada, e ela se deteve. “Estamos indo para a sua casa?”

Ele parou e olhou para trás, com o casaco balançando ao lado de suas coxas grossas por causa do vento forte que vinha do lago Michigan. “Sim, estamos indo para a *minha casa*”, ele afirmou num tom sutil e um tanto sinistro de zombaria.

Ela franziu a testa. Ele estava claramente se divertindo às custas

dela. *Que bom que estou aqui para lhe proporcionar entretenimento, sr. Noble.* Ele respirou fundo e olhou na direção do lago Michigan, visivelmente incomodado com a atitude dela e procurando realinhar seus pensamentos.

“Entendo que isso deixe você desconfortável, mas pode confiar em mim. É uma questão puramente profissional. Sobre a pintura. Quero que você pinte a paisagem que eu vejo do meu apartamento. Com certeza você não acredita que eu vá fazer alguma coisa de errado. Um monte de gente viu que saímos juntos do restaurante.”

Isso ele não precisava nem dizer. Ela sentiu todos os olhares do Fusion se voltarem para eles quando saíram.

Ela lançou um olhar meio atravessado para ele quando começaram a andar. Os cabelos escuros dele balançando ao vento por algum motivo lhe pareceram algo familiar. Ela piscou os olhos algumas vezes, e a sensação de *déjà vu* desapareceu.

“Está me dizendo que eu vou ter que trabalhar no seu apartamento?”

“Tem bastante espaço por lá”, ele comentou, irônico. “Você não vai precisar nem me ver se não quiser.”

Francesca olhou para seus dedos dos pés pintados com esmalte, escondendo a expressão de seu rosto. Ela não queria que ele suspeitasse que imagens nada apropriadas surgiram em sua mente diante daquela afirmação — visões de Ian saindo do chuveiro, com seu corpo nu ainda molhado e escorregadio, com uma toalha fina sobre os quadris como a única coisa a separá-la da visão da glória da beleza masculina em sua plenitude.

“É uma proposta nem um pouco ortodoxa”, ela comentou.

“Eu não sou nem um pouco ortodoxo”, ele se apressou em afirmar. “Você vai entender tudo quando olhar pela minha janela.”

Ele morava no número 340 da East Archer, em um edifício em estilo renascentista da década de 1920, que ela já admirava desde a época em que o estudou em uma aula de arquitetura. Aquela torre de tijolos, elegante e misteriosa, de alguma forma combinava com ele. E ela não ficou nem um pouco surpresa ao ser informada de que seu apartamento ocupava os dois últimos andares inteiros.

A porta do elevador privativo se abriu silenciosamente, e ele fez um sinal com a mão para que ela saísse primeiro.

Foi como adentrar um lugar mágico.

O luxo dos tecidos e da mobília saltava aos olhos, mas, apesar da riqueza ostensiva, aquele hall de entrada ainda conseguia ser acolhedor — uma acolhida um tanto austera, era verdade, mas uma boa acolhida mesmo assim. Ela se olhou em um espelho de moldura antiga. Seus longos cabelos loiros arruivados haviam sido desalinhados pelo vento, e suas bochechas estavam vermelhas. Francesca até gostaria de acreditar que era um efeito do vento, mas sabia que era uma reação provocada pela presença de Ian Noble.

Então ela notou as obras de arte presentes ali e esqueceu de todo o resto. Percorreram um corredor que era também uma galeria, e ela ficou de queixo caído ao admirar quadro após quadro — alguns que nem conhecia, mas outros eram obras clássicas que fizeram seu coração palpitar ao vê-los pessoalmente.

Ela parou ao lado de uma escultura em miniatura em uma coluna, uma réplica muito bem-feita de uma obra renomada da Grécia Antiga. “Eu sempre adorei a Afrodite de Argos”, ela murmurou, percorrendo com os olhos o detalhamento das lindas feições faciais da estátua, e a contorção graciosa de seu corpo nu miraculosamente entalhado em alabastro.

“É mesmo?”, ele perguntou, parecendo interessado.

Ela confirmou com a cabeça, maravilhada, e continuou andando.

“Essa eu comprei faz alguns meses. Não foi nada fácil”, ele contou, despertando-a de seu estado de êxtase.

“Eu adoro Sorenburg”, ela comentou, referindo-se ao autor da pintura diante da qual estava parada. Ela se virou para olhá-lo, e de repente se deu conta de que já fazia vários minutos que estava vagando como uma sonâmbula no interior de seu apartamento sem nem ao menos ter sido convidada, e que ele aceitou sua intrusão sem protestar. Agora ela estava numa espécie de sala de visitas, decorada com tecidos riquíssimos em tons de amarelo, azul e marrom.

“Eu sei. Isso estava no seu depoimento pessoal da ficha de inscrição do concurso.”

“Não consigo acreditar que você goste de expressionismo.”

“Por que não?”, ele perguntou, provocando arrepios na nuca dela com sua voz grave. Ela o encarou. A pintura à qual se referia estava pendurada sobre um sofá revestido de veludo. Ele estava mais perto do que ela imaginava, perdida que estava em seu deslumbramento e deleite.

“Porque... você escolheu o meu quadro”, ela respondeu baixinho. Ela engoliu em seco. Ele desabotoou o casaco. Um perfume adocicado de sabonete entrou pelas narinas dela. Uma pressão quente e pesada se instalou sobre seu sexo. “Você parece gostar tanto de... *ordem*”, ela tentou explicar em um sussurro.

“Você tem razão”, ele confirmou. Um aspecto sombrio pareceu tomar conta de suas feições pronunciadas. “Eu detesto mesmo desleixo e desordem. Mas Sorenburg não tem nada a ver com isso.” Ele desviou os olhos para o quadro. “Tem a ver com extrair um sentido do caos. Você não concorda?”

Ela ficou de boca aberta enquanto o olhava de perfil. Nunca tinha ouvido a obra de Sorenburg ser descrita de maneira tão sucinta.

“Concordo, sim”, ela disse devagar.

Ele abriu um sorriso. Seus lábios carnudos eram sua característica mais marcante além dos olhos. E do queixo firme. E do corpo espetacular...

“Será que estou ouvindo bem?”, ele murmurou. “Eu ouvi mesmo um tom respeitoso na sua voz?”

Ela se virou para o Sorenburg. O ar fervia dentro de seus pulmões. “Nesse ponto você merece respeito. Tem um ótimo gosto para arte.”

“Eu agradeço. E sou obrigado a concordar.”

Ela arriscou uma olhadela de relance. Ele a encarava com seus olhos de anjo moreno.

“Pode deixar que eu penduro a sua jaqueta”, ele pediu, estendendo as mãos.

“Não.” Suas bochechas ficaram vermelhas quando ela notou o quanto tinha sido seca e abrupta. A vergonha desfez sua nuvem de encantamento. As mãos dele continuavam suspensas no ar.

“Vou tirá-la eu mesmo.”

Ela abriu a boca para protestar, mas se deteve quando notou seu olhar seguro e suas sobrancelhas levemente arqueadas.

“Não são as roupas que fazem a mulher, Francesca. É justamente o contrário. Essa vai ser a primeira lição que vou ensinar para você.”

Ela lançou um olhar de falsa irritação na direção dele e tirou a jaqueta jeans. O ar gelado bateu em seus ombros. O olhar de Ian parecia afetuoso. Ela endireitou as costas.

“Pelo jeito você está planejando me ensinar um monte de lições”, ela murmurou, entregando a jaqueta para ele.

“Talvez seja esse mesmo o caso. Venha comigo.”

Ele pendurou os casacos e a conduziu pelo corredor-galeria até uma passagem mais estreita, iluminada pela luz difusa de luminárias antigas de bronze. Ele abriu uma das várias portas bem altas, e Francesca entrou na sala. Esperava ver outro recinto repleto de maravilhas, mas em vez disso viu-se em um espaço comprido e estreito com janelas do chão ao teto. Ele não acendeu a luz. E nem precisava. O ambiente era iluminado pelos arranha-céus e pelo reflexo de suas luzes na água escura do rio. Ela foi até a janela sem dizer uma palavra. Ele parou a seu lado.

“É como se estivessem vivos, os prédios... alguns mais do que os outros”, ela disse com uma voz sussurrada. Ela lançou um olhar de arrependimento na direção dele e ganhou um sorriso em retribuição. A vergonha tomou conta dela. “Quer dizer, é o que me *parece*. Eu sempre pensei assim. Principalmente à noite... Eu consigo sentir.”

“Eu sei que sim. Foi por isso que escolhi o seu trabalho.”

“Não foi por causa das linhas retas e das reproduções precisas?”, ela perguntou, temerosa.

“Não. Não mesmo.”

A expressão dele se suavizou quando ela sorriu. Sentiu-se invadida por um prazer inesperado. Ele a entendia, *sim*, no fim das contas. E... ela havia proporcionado o que ele queria.

Ela apreciou aquela vista sensacional. “Eu entendo o que você quis dizer”, ela admitiu, com a voz vibrando de empolgação. “Estou afastada da arquitetura há um ano e meio, e ando tão ocupada com os estudos nas artes que nem leio mais as publicações especializadas,

caso contrário eu saberia. Ainda assim... é uma vergonha para mim não ter visto até agora”, ela comentou, se referindo aos dois edifícios mais imponentes que se erguiam diante do rio. Ela balançou a cabeça, maravilhada. “Você transformou a Noble Enterprises em uma versão moderna da arquitetura clássica de Chicago. Parece uma releitura contemporânea do Sandusky. Brilhante”, ela continuou, referindo-se à semelhança entre a sede da Noble Enterprises e o Edifício Sandusky, uma obra-prima em estilo gótico. O prédio da Noble Enterprises era como Ian: alto, elegante, de traços marcantes, uma versão moderna de algum ancestral gótico. Ela sorriu ao pensar nisso.

“A maioria das pessoas só entende isso quando aprecia a vista daqui”, ele afirmou.

“É genial, Ian”, ela disse com sinceridade. Arriscou um olhar na direção dele, notando o brilho de seus olhos, causado pelo reflexo dos prédios. “Por que você não falou sobre isso para a imprensa?”

“Porque eu não fiz isso para mostrar para a imprensa. Fiz para o meu próprio deleite, assim como a maioria das coisas que eu faço.”

Ela se sentiu aprisionada por seu olhar, e não conseguiu responder. Afinal, aquilo não era uma tremenda demonstração de egoísmo? Por que, então, aquelas palavras tinham causado uma forte contração no meio das pernas dela?

“Mas fico feliz que você tenha gostado”, ele falou. “Ainda tem outra coisa que eu gostaria de mostrar.”

“Sério?”, ela perguntou, quase sem fôlego.

Ele se limitou a acenar com a cabeça. Ela o seguiu, contente por ele não estar olhando para seu rosto vermelho. Chegaram a um cômodo com as paredes quase inteiramente recobertas de prateleiras de madeira escura, repletas de livros. Ao entrar ele se deteve, observando-a enquanto ela olhava curiosamente ao redor, até que seus olhos encontrassem a pintura pendurada sobre a lareira. Ela congelou por dentro. Caminhou até o quadro em um estado de transe, e constatou que se tratava mesmo de uma de suas próprias obras.

“Você comprou isso do Feinstein?”, ela sussurrou, referindo-se a um dos amigos com quem morava — Davie Feinstein, dono de uma galeria em Wicker Park. O quadro pendurado ali era um dos seus pri-

meiros a terem sido vendidos. Ela tinha feito questão de entregá-lo para Davie um ano e meio antes, como uma espécie de depósito antecipado do pagamento do aluguel, numa época em que havia acabado de se mudar para a cidade e estava totalmente sem dinheiro.

“Sim”, confirmou Ian, bem atrás de seu ombro direito.

“O Davie não me contou que...”

“Pedi para a Lin providenciar tudo para mim. A galeria nem deve ter ficado sabendo para quem era o quadro.”

Ela engoliu em seco ao olhar para o retrato do homem solitário que caminha pelo Lincoln Park em plena madrugada, de costas para quem contempla o quadro. Os edifícios ao redor pareciam ignorá-lo, como se fossem imunes à dor humana, da mesma forma que o homem retratado parecia alheio ao próprio sofrimento. Seu casaco aberto flutuava atrás de si. Seus ombros se encurvavam sob o vento, e as mãos estavam enfiadas nos bolsos da calça jeans. Cada linha de seu corpo exalava força e elegância, além da solidão resoluta que caracterizava uma grande força interior.

Ela adorava aquele quadro. Sofreu por ter que se desfazer dele, mas precisava pagar o aluguel.

“*O Gato que anda sozinho*”, Ian disse atrás dela, com um tom de voz um tanto áspero.

Ela sorriu e riu baixinho ao ouvi-lo dizer o nome do quadro. “‘Eu sou o Gato que anda sozinho, e todos os lugares são iguais para mim.’ Eu pintei esse quadro no segundo ano da faculdade. Estava estudando literatura inglesa naquele semestre, e lendo Kipling. Essa frase parecia se encaixar com a pintura...”

Sua voz enfraquecia à medida que ela observava a figura solitária do quadro, mas com a atenção inteiramente voltada para o homem parado atrás de si. Ela olhou para Ian e sorriu. E ficou envergonhada ao sentir que tinha lágrimas nos olhos. Suas narinas tremeram de leve, e ela se virou subitamente, limpando o rosto. Ver um quadro dela naquele apartamento mexeu com alguma coisa em seu emocional.

“Acho melhor eu ir embora”, ela falou.

Seu coração disparou, e no instante de silêncio que se seguiu ela foi capaz de ouvir apenas o fluxo acelerado de sangue em seus ouvidos.

“Talvez seja melhor mesmo”, ele disse enfim. Ela se virou e soltou um suspiro de alívio — ou teria sido de arrependimento — quando viu seu corpo alto deixando o recinto. Ela o seguiu, murmurando um agradecimento quando ele devolveu sua jaqueta jeans ao chegarem ao hall de entrada. Mas ele a segurou quando ela tentou pegá-lo de suas mãos. Ela engoliu em seco e virou de costas, deixando que ele a vestisse. As juntas de seus dedos roçaram a pele dos ombros dela. Ela precisou se segurar para não se encolher toda quando ele pôs a mão por baixo de seus longos cabelos, tocando na nuca dela durante o processo. Ele removeu suavemente os cabelos dela de dentro da jaqueta, e os deixou cair sobre suas costas. Ela se estremeceu toda quando ele fez isso, e desconfiou de que ele tivesse sentido o corpo dela se abalar sob sua mão.

“Uma cor tão difícil de encontrar”, ele murmurou, ainda acariciando os cabelos dela, fazendo seus nervos aflorarem ainda mais.

“Posso mandar o Jacob, meu motorista, levar você para casa”, ele falou depois de um instante de silêncio.

“Não”, ela respondeu, sentindo-se um tanto tola por não se virar para encará-lo enquanto falava. Ela não conseguia se mover. Estava paralisada. Todas as células de seu corpo estavam atentas aos movimentos dele. “Meu amigo pode vir me pegar daqui a pouco.”

“Você vai vir pintar aqui?”, ele perguntou. Sua voz grave ecoava a poucos centímetros dos ouvidos dela. Ela permanecia virada para a frente, sem olhá-lo.

“Sim.”

“Gostaria que começasse na segunda. Vou pedir para Lin providenciar um crachá e a senha do elevador. O material necessário vai estar todo aqui quando você chegar.”

“Não vou poder vir todos os dias. Eu tenho aula, geralmente de manhã, e trabalho como garçomete das sete da noite até a hora de fechar várias vezes por semana.”

“Venha quando puder. O importante é que você venha.”

“Certo, tudo bem”, ela falou, sentindo a garganta seca. A mão dele ainda estava em suas costas. Será que ele estava sentindo seu coração pulsar?

Ela precisava sair dali. *Imediatamente*. Estava quase perdendo a cabeça.

Ela avançou até o elevador, apertando apressadamente o botão no painel. Se ela estava pensando que ele iria tocá-la de novo, estava enganada. A porta silenciosa do elevador se abriu.

“Francesca?”, ele disse quando ela entrou.

“Sim?”, ela respondeu, virando-se.

Ele estava de pé com as mãos escondidas atrás das costas, uma posição que fez com que seu paletó se abrisse e revelasse uma camisa justa sobre um abdome enxuto, quadris estreitos, um cinto com fivela prateada e... tudo o que tinha embaixo.

“Agora que você já tem certa segurança financeira, eu preferiria que não ficasse mais perambulando pelas ruas de Chicago de madrugada para encontrar inspiração. Nunca se sabe o que você pode encontrar pela frente. É perigoso.”

Ela ficou de queixo caído, perplexa. Ele deu um passo à frente e apertou um botão no painel, fazendo com que a porta se fechasse. A última imagem que ela viu foi a de seus olhos azuis brilhando em um rosto impassível. Sua pulsação disparou, provocando um rugido em seus ouvidos.

Era *ele* quem ela havia pintado quatro anos antes. Era isso que ele estava tentando dizer — que sabia ter sido observado por ela enquanto caminhava pelas ruas escuras e desertas no meio da noite enquanto o resto do mundo repousava confortavelmente em suas camas. Francesca não havia se dado conta da identidade do objeto de seu retrato na ocasião, e ele provavelmente só descobriu que estava sendo seguido quando viu o quadro, mas não havia como questionar o fato.

Ian Noble era o gato que andava sozinho.

E queria que ela soubesse disso.